

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Amor romântico evolutivo: o *continuum* rápido-lento do amor

Evolutionary romantic love: the fast-slow love continuum

El amor romántico evolutivo: el continuo rápido-lento del amor

Gleidson Diego Lopes Loureto¹, Bruna Nascimento da Silva² & Valdiney Veloso Gouveia³

¹ Universidade Federal da Paraíba. *E-mail:* diegoloureto.dl@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-0889-6097>

² Kingston University London. *E-mail:* bruna.s.nascimento@hotmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0003-2696-9250>

³ Universidade Federal da Paraíba. *E-mail:* vgouveia@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0003-2107-5848>

RESUMO

Este artigo situou o amor romântico (AR) na Teoria de História de Vida (THV). Na THV, o AR representa expressões de determinada estratégia de sobrevivência para a resolução de desafios evolutivos no contínuo rápido↔lento. As estratégias lentas representam um composto na THV, o Fator-K, que nas relações amorosas implica em: sócio-sexualidade restrita, ponderação/flexibilidade frente aos conflitos, orientação futura, propensão à parentalidade e estilo íntimo nos relacionamentos. Estudos futuros são sugeridos, direcionados à operacionalização do Fator-K, sustentando seu poder heurístico na integração de teorias do AR e na articulação da psicologia social com referenciais evolutivos para a compreensão das interações românticas.

PALAVRAS-CHAVE:

Amor romântico; Psicologia evolutiva; Teoria da história de vida; Psicologia social.

ABSTRACT

This paper located romantic love (RL) within the Life History Theory (LHT). Derived from LHT, RL represents survival strategies expressions in the face of evolutionary challenges varying along a fast-slow continuum. The slow strategies depict the K-Factor that displays certain components in love relationships: restricted sociosexuality, appraisal/flexibility in the context of conflicts, future orientation, disposition to parental investment, and intimacy attachment style in relationships. Future studies are suggested regarding the operationalization of the K-Love factor, supporting its heuristic power in the integration of theories of RL and in the articulation between social psychology and evolutionary theories in explaining romantic interactions.

KEYWORDS:

Romantic love; Evolutionary psychology; Life history theory; Social psychology.

RESUMEN

Este artículo situó el amor romántico (AR) en la Teoría de la Historia de Vida (THV). En la THV el AR representa expresiones de determinada estrategia de supervivencia para la resolución de desafíos evolutivos en el continuo rápido↔lento. Las estrategias lentas representan un compuesto en la THV, el Factor-K que en las relaciones amorosas implica: socio-sexualidad restringida, ponderación/flexibilidad ante los conflictos, orientación futura, propensión a la parentalidad y estilo íntimo en las relaciones. Se sugieren estudios futuros direccionados a la operacionalización del Factor-K, apoyando su poder heurístico en la integración de las teorías del AR y en la articulación de la psicología social con referentes evolutivos para la comprensión de las interacciones románticas.

PALABRAS CLAVE:

Amor romántico; Psicología evolutiva; Teoría de la historia de vida; Psicología social.

Informações do Artigo:

Gleidson Diego L.Loureto
diegoloureto.dl@gmail.com

Recebido em: 14/09/2020

Aceito em: 15/07/2021

“A matéria da psicologia é tão diversa a ponto de deixar o estudante perplexo. Seria útil, para dar uma ordem ao caos, se houvesse um tema simples e abrangente que abarcasse os vários tópicos da psicologia. A única perspectiva que parece suficientemente ampla no âmbito é a da evolução” (A. Buss, 1973, p. 2).

O amor consiste em matéria universal e intrigante, seja no meio científico ou no senso comum, possuindo diferentes expressões: fraternal, maternal, erótico, amor-próprio, amor por Deus etc. (Fromm, 1956). Historicamente, há evidências que mesmo entre os povos mais antigos (e.g., egípcios, gregos, romanos e chineses antigos) o amor já constituía matéria comum do cotidiano (Karandashev, 2017), indicando que tal fenômeno não se limitava às culturas ocidentais, sustentando-se sua universalidade (Buss, 2006). Dentre as possíveis manifestações do amor, nesta oportunidade enfatizar-se-á o amor romântico que, sendo considerado

um processo emocional primário ou não, constitui aspecto fundamental das experiências humanas (Hendrick & Hendrick, 2019), uma vez que parcela considerável do universo de interações humanas centra-se nas relações entre casais (Sternberg & Weis, 2006).

Neste contexto, o amor romântico, heurísticamente, constitui uma constelação diversa de conotações subjetivas, experiências e expressões, variando entre pessoas e culturas (Karandashev, 2019), que – na psicologia e neurociências – reflete três elementos básicos: a paixão (atração sexual), o vínculo emocional (intimidade) e comprometimento (cuidado) (Fletcher, Simpson, Campbell, & Overall, 2015). Diante do exposto, ao considerar teorias clássicas do campo psicológico e pressupostos evolutivos deste fenômeno, este estudo objetiva situar o fenômeno do amor romântico em um modelo teórico que tem ganhado notoriedade no campo da psicologia social, a Teoria da História de Vida (*Life History Theory*; THV), descrevendo o denominado Fator-K do amor, concebendo-o como estratégias de histórias de vida (*life histories strategies*; LHS) baseadas na alocação de energia/tempo diante de desafios românticos evolutivos.

Assim, inicialmente, situar-se-á a explicação do amor no âmbito dos quatro principais modelos teóricos em psicologia social: Rubin (1970), Hatfield (1988), Lee (1973) e Sternberg (1997). Em seguida, esse fenômeno é situado no campo da psicologia evolutiva, e então será descrito no referencial também evolutivo da THV. Por fim, alguns direcionamentos futuros são indicados, abordando, assim, aspectos voltados à mensuração do amor na perspectiva da THV, seus antecedentes e consequentes – bem como as potencialidades de integração de teorias evolutivas e psicologia social na interpretação das interações humanas românticas.

A Teoria do Amor de Zick Rubin

O primeiro modelo teórico do amor é atribuído a Zick Rubin (1970) que, a partir da publicação *Measurement of romantic love*, é considerado o precursor das teorias acerca do amor na área da psicologia social, haja vista que a referida temática não constituía um tópico de estudo dentre os psicólogos sociais até a década de 1970, quando estudiosos (e.g., Berscheid & Walster, 1974; Rubin, 1970) concentraram esforços empíricos nesse tópico (Fehr, 2006). Conceitualmente, Rubin (1970) assume o amor como uma atitude mantida

por uma pessoa em relação a uma outra pessoa específica, abrangendo predisposições para pensar, sentir e comportar-se de certas maneiras em relação a essa outra pessoa.

Rubin (1970) distingue os conceitos de amar e gostar. O primeiro refere-se à atração física, idealização, predisposição a ajudar, desejo de compartilhar emoções, sentimentos de exclusividade, dependência e sentimentos ambivalentes frente ao parceiro. O componente do gostar implica nas relações interpessoais: avaliação favorável do sujeito-alvo, sentimentos de confiança e respeito, assim como a percepção de semelhança em relação à pessoa amada (Rubin, 1970). Mais ainda, em nível empírico, Rubin constatou que a variável probabilidade de casamento estava mais relacionada à dimensão amar do que ao gostar. Dessa forma, Rubin (1970) concebia o gostar, como uma dimensão de natureza mais básica, ao passo que o amar constituía uma emoção mais complexa do amor.

Quanto à estrutura do amor romântico, embora delineado por Rubin (1970) como um construto unidimensional, teoricamente o amor assentava-se em três conceitos (Rubin, 1973): apego (necessidade de estar com a pessoa amada), cuidado (preocupação e senso de responsabilidade pelo bem-estar da pessoa amada) e intimidade (proximidade emocional e partilha de sentimentos íntimos) (Cox, 2001). Empiricamente, o amor nos estudos de Rubin é representado, de igual modo, por três componentes, a saber, afiliação ou necessidade dependente, predisposição para ajudar e exclusividade e absorção (Reis & Rusbult, 2004). O primeiro componente refere-se ao amor equacionado como um comportamento de apego/proximidade. O segundo é composto por elementos como o cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento pelo outro. E, por fim, o componente da exclusividade e absorção abrange sentimentos de possessividade e união com o parceiro (Rubin, 1970).

Em suma, em razão dos estudos de Rubin na década de 1980 (Rubin, 1984) o amor, concebido na época como fenômeno unitário e/ou global, tornou-se objeto respeitado por parte dos psicólogos (Hendrick & Hendrick, 1986). Ainda, como exposto, a definição do amor como uma atitude interpessoal, aproximou tal tema de um tópico de pesquisa já consolidado na psicologia social, a atração interpessoal (Newcomb, 1960), sendo o objeto de interesse com o qual o campo dos relacionamentos amorosos iniciou com trabalhos pioneiros de

Berscheid e Walster (1974) e Rubin (1973). Em suma, isso possibilitou maior notoriedade à temática do amor entre os psicólogos e surgimento de outros modelos, como é o caso da taxonomia de John Alan Lee, exposta a seguir.

A Teoria dos Estilos do Amor: John Alan Lee

Outro modelo teórico, cunhado ainda na década de 1970 por John Lee (1973), parte da metáfora da gradação de cores (i.e., expressando cores primárias e secundárias) para definir variações no contínuo da experiência do amor, explicitando seis experiências qualitativamente distintas de "amor verdadeiro": Eros, Ludus, Storge, Pragma, Ágape e Mania, associadas com cores diferentes. Para Lee (1973), os “estilos de amor” são entendidos como elementos interacionais e dinâmicos, e tal perspectiva possibilita vislumbrar um perfil de estilo de amor para cada indivíduo (Hendrick & Hendrick, 2006). Ademais, a Tipologia de Lee não visa mensurar a intensidade de magnitude latente de cada estilo amoroso, mas tão somente identifica as diversas maneiras de experimentar o fenômeno do amor, ou melhor, as motivações subjacentes para relacionamentos amorosos sérios.

Partindo da metáfora da gradação de cores, Lee (1973) supunha estilos de amor primário que combinados com outros elementos primários originam estilos de amor secundários (Hendrick & Hendrick, 2006). Os três estilos primários de amor correspondem aos estilos (Martins-Silva, Trindade, & Silva Junior, 2013): Eros (amor intenso, apaixonado e erótico, preferência por atributos físicos, busca por prazer de forma verbal e tátil), Ludus (amor vivenciado como um jogo, envolvimento amoroso como um passatempo agradável, sem comprometimento emocional e podendo envolver múltiplos parceiros) e Storge (amor como amizade especial, relacionamento estável em que atitudes e valores sejam semelhantes, questão emocional em primeiro plano).

Os estilos de amor secundários então correspondem à associação entre dois estilos amorosos primários, tais como descritos a seguir (Martins-Silva et al., 2013): Mania (Eros + Ludus: amor caracterizado por altos e baixos emocionais, sendo a obsessão, a dependência e insegurança o lado negativo e a solidariedade e a dedicação ao parceiro o lado positivo), Pragma (Ludus + Storge: amor como algo prático e realista, seleção

racional de um parceiro compatível em termos de interesse, classe social etc. e não a partir de critérios emocionais) e Àgape (Eros + Storge: amor como um laço de abnegação e altruísmo, preocupação com o bem-estar do parceiro e disposição de dedicação e pouca exigência com o parceiro).

Em suma, a tipologia do amor de Lee (1973) consiste em um modelo mais abrangente de conceituar as experiências do amor romântico, dada a natureza polissêmica deste objeto (Lomas, 2018), sendo entendidas como respostas que resultam do aprendizado e da experiência, sendo influenciados pela cultura e pela sociedade. Ademais, estudos têm buscado testar a validade transcultural do referido modelo (Neto, 2007) ratificando, portanto, a importância do mesmo no crescente interesse nas pesquisas sobre o fenômeno do amor (Hendrick & Hendrick, 2019), fazendo do trabalho de Lee um esforço particularmente influente neste campo (Lomas, 2018).

Amor Apaixonado e Amor Companheiro: a Visão de Elaine Hatfield

Outra concepção dicotômica do amor, além do binômio amar e gostar (Rubin, 1970), consiste na distinção, defendida por Hatfield (1988), entre amor apaixonado e amor companheiro, que adquiriu protagonismo histórico na ciência dos relacionamentos humanos ao identificarem tal objeto como um elemento crucial para a psicologia científica, mapeando aspectos teóricos e empíricos. Nesse modelo, o amor era entendido como um tipo de atração interpessoal (Berscheid & Walster, 1974), isto é, atitude positiva frente ao outro, evidenciada pela tendência de aproximação e interação (Newcomb, 1960).

Concretamente, o amor apaixonado consiste em uma emoção intensa, caracterizada como um estado de intenso desejo de união com outro (Hatfield & Rapson, 2005). Em uma relação amorosa caracterizada por amor apaixonado, observa-se um estado emocional no qual os sujeitos usufruem de trocas e interações contínuas que podem conter elementos como euforia e desespero, emoções e terror (Hatfield & Rapson, 1993). Por um lado, quando o amor apaixonado é seguido de reciprocidade, ele associa-se a altos níveis de satisfação e êxtase; no caso contrário, associa-se a estados de vazio, ansiedade ou desespero (Hatfield & Rapson, 2005).

O amor companheiro, por outro lado, é descrito como “amor de amizade”, abrangendo o compartilhamento de valores, relação de apego profundo e intimidade (Hendrick & Hendrick, 1986). Dessa

forma, sendo esse tipo de amor desenvolvido após longa duração de um relacionamento, implica-se em maior confiança emocional, envolvendo estados emocionais menos acentuados, entretanto confortáveis, na relação amorosa (Hatfield & Rapson, 2005). Ademais, de igual modo denominado de "amor verdadeiro" ou "amor conjugal" por agregar um conjunto de emoções menos intensas, culmina no desenvolvimento de sentimentos de compromisso de longo prazo para com um parceiro (Hatfield & Rapson, 1993).

Quanto ao padrão de relação entre ambos os componentes do amor, Hatfield e Walster (1978) supõem teoricamente a relação de amor em dois estágios: inicialmente, o amor apaixonado predominaria no início dos relacionamentos amorosos que, uma vez mantido, evolui para o amor companheiro – fase relativamente duradoura, que cresce com o tempo, criando laços de apego mais íntimos. Entretanto, posteriormente, Hatfield (1988) assumiu que existe a possibilidade de coexistência de ambos os tipos de amor, mesmo sua manutenção sendo complicada; atualmente é bastante comum que jovens afirmem que seu parceiro amoroso é seu melhor amigo, iniciando-se os relacionamentos pela via oposta (Hendrick & Hendrick, 2006).

Por fim, a concepção bidimensional do amor proposta por Hatfield e Walster (1978) talvez seja a nomenclatura mais aceita na literatura do amor (Graham, 2011). De fato, os componentes do amor apaixonado e companheiro receberam a maior parte da atenção teórica, no âmbito da sociologia e psicologia, em estudos voltados às relações de namoros e relacionamentos conjugais (Sprecher & Regan, 1998). Todavia, ainda na década de 1980, esforços foram observados na comprovação da validade transcultural deste modelo, independentemente da idade, gênero e cultura em uma ampla gama de pesquisas (Hatfield & Rapson, 2005). A seguir, descreve-se o modelo da Teoria Triangular do Amor (TTA).

A Teoria Triangular do Amor: Robert Sternberg

A TTA (Sternberg, 1997), da mesma forma que os modelos anteriormente expostos, se origina dos campos da personalidade e psicologia social. Na TTA (Sternberg, 1986, 1988) assume-se que o amor tem origem na presença e interação de três componentes principais (i.e., intimidade, paixão e compromisso) organizado a partir da noção de um triângulo como metáfora em que os três componentes da teoria são vistos

como formadores de vértices: intimidade (vértice superior do triângulo), paixão (vértice à esquerda do triângulo) e compromisso (vértice à direita do triângulo).

Quanto aos componentes da TTA, a intimidade implica nos sentimentos de proximidade, conexão e vínculo nos relacionamentos amorosos, incluindo-se aqueles sentimentos que determinam, essencialmente, a experiência do calor em um relacionamento amoroso (Sternberg, 1986). De forma concreta, o componente da intimidade pode incluir as seguintes facetas: (a) desejo de promover o bem-estar do ente querido, (b) felicidade experimentada com o ente querido, (c) alta consideração pelo ente querido, (d) ser capaz de contar com o ente querido em momentos de necessidade, (e) compreensão mútua com o ente querido, (f) partilha de si e dos seus bens com o ente querido, (g) recebimento de apoio emocional do ente querido, dentre outros aspectos (Sternberg & Grajek, 1984).

O componente da paixão implica nos impulsos que têm como consequência imediata o romance, a atração física, e a consumação do ato sexual concreto (Sternberg, 1986) e outras formas de excitação que levam à experiência da paixão no âmbito de um relacionamento amoroso (Sternberg, 1997). Segundo Sternberg (1986), é possível que em um relacionamento amoroso, as necessidades sexuais possam constituir como o tipo de experiência predominante. Entretanto, de igual modo, o autor explica que outras necessidades (autoestima, afiliação, dominação etc.), também podem contribuir para a experiência da paixão (Sternberg, 1997). Tal componente, além da excitação, compreende os fatores de atenção intensa ao parceiro e exclusividade, de modo que um parceiro passa a ocupar um lugar único na vida do outro (Sternberg, 1997).

Por fim, o componente do compromisso apresenta dinâmicas a curto e a longo prazos (Sternberg, 1986). No primeiro caso, o compromisso implica tão somente na decisão que alguém ama um parceiro. No segundo cenário, resulta na manutenção do amor. O autor adverte que ambos os cenários não ocorrem necessariamente juntos; é possível que se decida amar alguém sem estar comprometido com o amor a longo prazo, ou alguém pode estar comprometido com um relacionamento sem reconhecer que ama a outra pessoa (Sternberg & Weis, 2006). Ademais, este componente de compromisso a longo prazo, caracteriza-se por gerar um relacionamento que persiste no cotidiano de forma que a relação amorosa passa a ser um propósito em si, podendo gerar relações

comprometidas que são fortalecidas por desafios que os parceiros enfrentam de forma conjunta (Sternberg & Weis, 2006).

Em síntese, os componentes da TTA captam a forma como as pessoas interagem e experimentam a relação com um parceiro romântico atual, passado ou futuro (Sumter, Valkenburg, & Peter, 2013), em que seus componentes são processos motivacionais presentes nas relações amorosas em diferentes magnitudes (Sternberg, 1986). Nesta perspectiva, os relacionamentos românticos bem-sucedidos e satisfatórios são caracterizados por níveis equilibrados de paixão, intimidade e comprometimento (Sternberg, 1997). Finalmente, a TTA propôs-se como uma teoria importante para a compreensão de muitos aspectos do amor subjacentes aos relacionamentos íntimos, sendo um modelo teórico parcimonioso e sofisticado (Hendrick & Hendrick, 2019).

Finalmente, além dos modelos teóricos do amor acima expostos, pela proeminência nas últimas cinco décadas de pesquisa nessa temática (Karandashev & Evans, 2019), mencionam-se a título ilustrativo outras teorias que, de igual modo, figuram nesse campo (Graham & Christiansen, 2009): o modelo de Harold Kelley (amor e compromisso), o modelo do amor e amizade de Keith E. Davis (atração física, cuidado e gostar), a concepção do amor como apego de Cindy Hazan e Phillip Shaver (três componentes: apego, cuidado e sexo), a Teoria Tetrangular do amor de Carlos Yela (i.e., compromisso, intimidade, paixões erótica e romântica) e, mais recentemente, a Teoria Quadrangular do Amor (Compaixão e Afeto, sentimentos em relação a um parceiro, e Proximidade e Compromisso, sentimentos frente ao relacionamento; Karandashev & Evans, 2019). Dessa forma, uma vez expostos os principais modelos teóricos do amor em psicologia social, a seguir situa-se tal fenômeno no campo da psicologia evolutiva.

O Amor Romântico no Âmbito da Psicologia Evolutiva

A teoria evolutiva, assentada no mecanismo da seleção natural, apresentou implicações revolucionárias para a compreensão da mente e cérebro humanos (Tooby & Cosmides, 2015). Baseando-se neste referencial, a psicologia evolutiva trata de questões tais como: a configuração atual da mente humana e como assumiu sua forma atual, quais são seus componentes e estrutura atuais, qual função tais componentes possuem e, por fim, a interação entre o estágio presente de evolução da mente e o ambiente na moldagem do comportamento humano

(Buss, 2006), estendendo-se ao entendimento, de igual modo, de mecanismos psicológicos (motivações, emoções, traços de personalidade etc.).

O amor, sob a perspectiva evolutiva, consiste em uma adaptação; tal fenômeno implica um conjunto complexo de adaptações, projetado para resolver problemas específicos de sobrevivência e reprodução (Buss, 2006). Assevera-se que evidências suportam a universalidade do amor, ou melhor, indivíduos em todas as culturas experimentam o amor, assumindo-se, também, que tal experiência seja social e culturalmente construída (Beall & Sternberg, 1995). Especificamente o amor romântico, direcionado a um parceiro romântico, constituindo parte instintiva da natureza humana (Kenrick, 2006), é entendido como um dispositivo para o estabelecimento de compromisso em um casal, sendo mais característico de relacionamentos a longo prazo (Buss, 2006).

Operacionalmente, o amor romântico, na perspectiva evolutiva compõe-se dos seguintes componentes (Karandashev, 2017): preocupação cognitiva com o objeto do amor, idealização do objeto amado (e.g., enfatizar as qualidades positivas e/ou minimizar as negativas), desejo intenso de união física e emocional, exclusividade (e.g., incapacidade de reagir a mais de uma pessoa de cada vez), anseio por reciprocidade de sentimentos, sensibilidade aguda (e.g., capacidade de ver a paixão oculta em ações aparentemente neutras do parceiro), apego emocional e dependência, alta empatia, carinho e preocupação pelo parceiro etc. Tais componentes, ainda, podem ser transfigurados em termos de benefícios evolutivos, buscando cumprir funções relacionadas à sobrevivência e reprodução.

Concretamente, em termos evolutivos, o amor romântico opera no ambiente desempenhando inúmeras funções adaptativas que podem ser resumidas nos seguintes componentes (Buss, 2006): apresentação de recursos reprodutivamente relevantes, fornece acesso sexual, indicação de fidelidade sexual, provimento de recursos psicológicos e emocionais, permite a exclusividade do relacionamento por meio da guarda do companheiro, sinaliza compromisso com o parceiro, promove ações que se transfigurem em resultados reprodutivos bem-sucedidos e, por fim, manifesta sinais de investimento parental. Nesse contexto destaca-se a

teoria da estratégia sexual ([TES], Buss & Schmitt, 1993) que discute tais funções adaptativas na compreensão do comportamento sexual humano.

A TES, em síntese, descreve a dinâmica dos dilemas sexuais adaptativos típicos, enfatizando a diferença entre os sexos e a dinâmica das relações entre pares (i.e., curto e longo prazos). No caso dos homens, em relacionamentos de curto prazo, alguns dilemas incluem o problema do número de parceiras, identificação de alvos sexualmente acessíveis e o dilema do compromisso. Nas relações de longo prazo, há necessidade de selecionar alvos com capacidade reprodutiva e habilidades parentais, garantia da paternidade etc. Para as mulheres, no primeiro cenário, os dilemas referem-se à obtenção imediata de benefícios/recursos do alvo selecionado, à avaliação de alvos de curto prazo como potenciais parceiros de longo prazo. E, no panorama de longo prazo, os problemas adaptativos incluem a busca por parceiros dispostos ao compromisso e ao investimento na prole, ao fornecimento de proteção física etc. (Buss & Schmitt, 1993).

Em síntese, a teoria evolutiva adiciona às demais teorizações neste campo hipóteses sobre a função do amor na solução de problemas adaptativos específicos, assim como previsões testáveis (i.e., hipóteses falsificáveis: o efeito da atratividade física nas relações amorosas casuais/longo prazo e seu impacto transcultural na escolha de parceiros, evidências das funções evolutivas do amor como um motivador da união de pares românticos etc.; Gangestad & Buss 1993; Gonzaga & Haselton, 2008; Perrett, May & Yoshikawa, 1994) que incluem diferenças críticas de sexo (e.g., o fato de mulheres serem, em geral, mais sensíveis do que os homens a características psicológicas em detrimento de pistas físicas; Buss, 2006; Williams, Fisher, & Cox, 2008).

Finalmente, assume-se que, ainda do ponto de vista evolutivo, o amor romântico representou um papel crítico na evolução do *Homo sapiens*, uma vez que pode ser entendido como elemento motivador da união entre pares, facilitando o desenvolvimento de investimentos parentais na prole que, por sua vez, facilitou a evolução da inteligência social e das habilidades de cooperação na história da evolução humana (Fletcher et al., 2015).

Teoria da História de Vida: o Amor Romântico como Estratégia de Vida

Como anteriormente exposto, os pressupostos da teoria evolutiva mais relevantes para a psicologia social estão relacionados direta ou indiretamente com os mecanismos envolvidos na seleção sexual, estratégias de acasalamento e investimento parental (Ross, Lepper, & Ward, 2010) que possibilitaram a resolução dos desafios evolutivos e que, mesmo no atual estágio da espécie humana, persistem e continuam a exercer sua influência (Buss, 1994). Recentemente, destaca-se nesse cenário um modelo teórico denominado de Teoria da História de Vida (THV) que oferece ferramentas analíticas para o campo da psicologia evolutiva, indicando potenciais futuros direcionamentos nessa área de conhecimento (Buss, 2016).

Concretamente, a THV inseriu-se na literatura no início dos anos 1990, através das obras de Charnov (1993), Roff (1992) e Stearns (1992) que expõem os fundamentos teóricos das chamadas estratégias de histórias de vida (*life histories strategies*; LHS). A THV (Pianka, 1970) se propõe como modelo teórico a descrever as diferenças na forma como as espécies direcionam estrategicamente recursos entre as demandas concorrentes de sobrevivência (i.e., esforço somático), acasalamento e/ou parentalidade (i.e., esforço reprodutivo; Figueredo et al., 2006), isto é, uma equação que envolve a expressão de estratégias de desenvolvimento e reprodução no contexto de pressões ambientais em que os recursos disponíveis são limitados. Conjuntamente, as decisões de alocação de recursos bioenergéticos, dentro de cenários ecológicos específicos, produzem as LHS de um organismo (Del Giudice, Gangestad, & Kaplan, 2015).

Tendo em vista que a THV consiste em um modelo teórico para dimensionar as diferenças individuais na alocação de bioenergia (Buss, 2010), as LHS são definidas como uma combinação de elementos genotípicos, plasticidade em resposta a variações e processos aleatórios oriundos do meio (Del Giudice et al., 2015). Assim, as LHS se expressam através de características morfológicas, fisiológicas e comportamentais coadaptadas (Braendle, Heyland, & Flatt, 2011), variando dentro de um contínuo rápido-lento (i.e., *Fast-Slow Continuum*). Ressalta-se que a ideia deste contínuo, rápido-lento, desempenha papel fundamental na THV tendo a função de prover explicações para as variações de LHS dos seres vivos (Ricklefs & Wikelski, 2002) e que são moldadas

a partir das características dos ambientes (certeza ou incerteza) em que os organismos se desenvolvem (Copping, Campbell, & Muncer, 2013).

Nesse sentido, sob o prisma da THV (Pianka, 1970), o contínuo rápido-lento segue a seguinte lógica: espécies oriundas de ambientes instáveis (variações na disponibilidade de alimentos) e imprevisíveis (alta predação) têm a tendência a desenvolver características associadas a altas taxas de reprodução e baixo investimento parental (i.e., “seleção-r”, LHS rápidas). Contrariamente, as espécies que vivem em condições ambientais estáveis e previsíveis são mais propensas a expressar características como baixas taxas reprodutivas e alto investimento parental (i.e., “seleção-k”, LHS lentas; Ellis, Figueredo, Brumbach, & Schlomer, 2009). Em termos práticos, na sociedade moderna, as LHS rápidas expressam-se na forma de impulsividade, baixa ponderação, baixo investimento parental, desrespeito às regras sociais e tomada de riscos; as LHS lentas, por sua vez, implicam em ponderação, monogamia, amplo investimento parental, alto apoio social, adesão às regras sociais (e.g., cooperação) e consideração cuidadosa dos riscos (Figueredo et al., 2006).

Os problemas de alocação de energia podem ser inúmeros frente à resolução dos problemas de sobrevivência e reprodução (ver Roff, 1992), entretanto, ao considerar os estudos acerca dos indicadores das LHS (sociosexualidade, expectativa subjetiva de vida, propensão/aversão aos riscos; Dunkel, & Decker, 2010; Figueredo et al., 2005; Giosan, 2006), no âmbito dos relacionamentos amorosos, estes podem se transfigurar em cinco facetas: controle cognitivo no relacionamento (i.e., *insight*), estilo de apego íntimo ao parceiro, planejamento de metas futuras, além de abranger os dois componentes da TES (Buss & Schmitt, 1993), ou melhor, a seleção de parceiros e a motivação parental. Assim, o amor romântico enquanto LHS não busca compreender as diferenças intrasexuais em estratégias reprodutivas, tal como na TES, mas as diferenças interindividuais no cumprimento do objetivo evolutivo do amor de criar fortes vínculos entre parceiros românticos, possibilitando a manutenção de tais relações (Aron & Aron, 1991; Kenrick, 2006).

Assim, a partir de pressões seletivas em dados contextos favoráveis à estabilidade, previsibilidade e controle no desenvolvimento ontogênico dos sujeitos (Figueredo, Patch, & Ceballos, 2015), é possível supor um fator geral das LHS do amor romântico que, por sua vez é descrito no contínuo das LHS lentas, isto é, o

Fator-K (“seleção-k”; Pianka, 1970). Estruturalmente, este é representado pelas cinco facetas descritas a seguir (i.e., para a “seleção-r”, LHS rápidas adaptáveis a contextos instáveis e imprevisíveis, as facetas são idênticas, entretanto opostas: sócio-sexualidade irrestrita, baixa flexibilidade frente a conflitos etc.):

(I) Sócio-sexualidade restrita: as estratégias sexuais compõem um sistema integrado de adaptações que organizam e guiam a alocação dos esforços reprodutivos dos indivíduos que, por sua vez, influenciam em suas estratégias de seleção de parceiros românticos (Buss & Schmitt, 1993). Dentre tais estratégias, há a sócio-sexualidade restrita, compatível com o Fator-K do amor, que descreve indivíduos sexualmente restritos que exigem maior proximidade antes do engajamento em relações sexuais com um parceiro romântico, sendo mais propensos a relacionamentos comprometidos a longo prazo (Jackson & Kirkpatrick, 2007).

(II) Ponderação e flexibilidade no enfrentamento de conflitos: esta faceta, no âmbito dos relacionamentos amorosos, descreve sujeitos com a capacidade de emitir comportamentos voltados à uma avaliação global de uma situação estressante ou conflituosa, envolvendo a reflexão sobre diversas estratégias alternativas de enfrentamento que resultem como úteis e satisfatórias (Dennis & Vander Wal, 2010); em suma, corresponde a um processo cognitivo (Matsumoto, 2009).

(III) Perspectiva de tempo (i.e., orientação futura no relacionamento): esta faceta representa um conjunto de processos cognitivos de como os indivíduos concebem a categoria tempo, ou seja, como lidam com o passado, presente e futuro, assim como atribuem significado a esses aspectos (Zimbardo & Boyd, 1999). Nos relacionamentos amorosos, essa dimensão descreve indivíduos que possuem uma orientação futura geralmente positiva. Tais indivíduos planejam o alcance de metas futuras desejadas para seus relacionamentos amorosos, implicando, por extensão, em baixa disposição a colocar o relacionamento em risco (Stolarski, Fieulaine, & van Beek, 2015).

(IV) Investimento parental: do ponto de vista evolutivo, o investimento parental compreende as estratégias e esforços dos indivíduos na condição de genitores que aumentam a probabilidade de sobrevivência da prole (cuidado, energia, recursos; Cabeza de Baca, Figueredo, & Ellis, 2012). Ademais, tal componente engloba a percepção de qualidade e de habilidades e competências para o exercício da parentalidade, assim

como a motivação e satisfação associadas ao cumprimento da função parental (Gauthier, Senécal, & Guay, 2007).

(V) Estilo afetuoso/íntimo no relacionamento: os estilos de apego, em geral, referem-se ao desenvolvimento de vínculos emocionais humanos (e.g., na infância, vida adulta e velhice; Collins & Feeney, 2013), isto é, como as pessoas se comportam nas relações com as outras pessoas, podendo ser de três tipos: apego seguro, apego inseguro (ambivalente) e apego evitativo (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). Assim, prediz-se que o apego seguro, desenvolvido durante a infância (Hazan & Shaver, 1987), no âmbito dos relacionamentos amorosos, implica em padrões de relações de proximidade, fortes conexões e vínculos, confiança e apoio emocional e compreensão mútua entre parceiros românticos (Sternberg, 1986).

Em resumo, via THV, o amor romântico pode vir a ser concebido como LHS, na medida em que reflete decisões individuais na alocação de energia e de tempo limitados nos relacionamentos amorosos visando à resolução de conflitos evolutivos (Del Giudice, et al., 2015), variando ao longo de um contínuo rápido-lento. Dessa forma, tendo em vista que a THV apresenta implicações para uma ampla gama de características e comportamentos humanos (Charnov, 1993), ela é capaz de explicar diferentes padrões específicos de alocação de energia (Sng, Neuberg, Varnum, & Kenrick, 2017) também nos relacionamentos amorosos, ora representado pelo Fator-K do amor.

Considerações Finais e Direcionamentos Futuros

Quando aplicada ao amor romântico, a THV, ao supor que a seleção natural/sexual molda os indivíduos aos problemas adaptativos dos ambientes físico e social, possibilita a expressão de traços psicossociais específicos e densamente ligados entre si (Braendle et al., 2011), tornando possível o Fator-K do amor, isto é, um compósito de estratégias de vida coadaptadas expressas em relacionamentos amorosos. Adotou-se a abordagem da THV por sua plausibilidade crescente na explicação de padrões específicos de LHS, gerando hipóteses testáveis para o entendimento de características gerais humanas (e.g., comportamentos sociais, sexuais, estágios do ciclo vital etc. Figueredo et al., 2006).

Entretanto, é fundamental contar com uma medida psicométrica adequada para a mensuração do Fator-

K do amor. Para tanto, já existem estudos que cumpriram o propósito de mensurar as LHS gerais (Figueredo et al., 2005; Giosan, 2006). Assim, torna-se exequível esta proposta, a partir da operacionalização do Fator-K via um conjunto subjacente de LHS incluindo comportamentos sexuais, parentais, intra e interindividuais (Figueredo et al., 2005) refletindo aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais das LHS do amor romântico. Por extensão, isso permitirá testar relações teoricamente esperadas entre os possíveis antecessores das LHS do amor (e.g., status socioeconômicos, estilo parental percebido, exposição ao estresse, experiências precoces, divórcio parental etc.; Dunkel, Mathes, & Decker, 2010) e prováveis consequentes (e.g., estabilidade, satisfação e padrões funcionais de comunicação em relações amorosas, habilidades parentais, violência por parceiro íntimo etc.; Figueredo et al., 2015).

Ademais, ressalta-se que referenciais oriundos da teoria evolutiva, nesse caso acerca do fenômeno do amor, não implicam em contradição em relação às demais teorias mencionadas (i.e., Hatfield & Walster, 1978; Lee, 1973; Rubin, 1970; Sternberg, 1997), mas tão somente as complementa, ao indicar as pressões seletivas que provavelmente atuaram como agentes moldadores dos componentes psicológicos do amor, gerando potenciais explicações de suas funções adaptativas (Buss, 2006). Ademais, o amor romântico como LHS consiste em categoria teórica parcimoniosa, ao postular o Fator-K, uma dimensão geral. Em outras palavras, a literatura evidencia que as inúmeras taxonomias existentes do amor romântico apresentam estruturas apenas parcialmente consistentes (i.e., flutuações em suas estruturas fatoriais; Aron & Westbay, 1996). Ademais, estudos metaanalíticos evidenciam que a combinação de diferentes instrumentos, dos modelos teóricos já mencionados, resulta em uma medida geral (Graham, 2011) ou dicotômica do amor romântico (Fletcher et al., 2015), portanto, passíveis de serem explicadas pelo contínuo rápido-lento do amor.

Finalmente, a THV e a psicologia evolutiva permitem análises e formulação de hipóteses específicas que são ausentes nas demais teorias do amor (Buss, 2006), fato que pode possibilitar importantes avanços na explicação de fenômenos psicossociais nas ciências sociais e psicológicas tradicionais, ao articular aspectos sociais, comportamentais e biológicos das relações humanas (Figueredo et al., 2015). Em suma, tal cenário converge com a crescente integração da Psicologia Evolutiva com áreas clássicas da psicologia social (Zeigler-

Hill, Welling, & Shackelford, 2015), sendo passíveis de serem investigadas em nível individual, fato que até recentemente se restringia a abordagens ao nível das espécies (Figueredo et al., 2005).

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Aron, A., & Westbay, L. (1996). Dimensions of the prototype of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 535-551. doi: 10.1037/0022-3514.70.3.535
- Aron, A. P., & Aron, E. N. (1991). Love and sexuality. In K. McKinney & S. Sprecher (Eds.), *Sexuality in close relationship* (pp. 25-48). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Beall, A. E., & Sternberg, R. J. (1995). The social construction of love. *Journal of social and Personal Relationships*, 12(3), 417-438. doi: 10.1177/0265407595123006
- Berscheid, E., & Walster E. (1974). A little bit about love. In T. L. Huston (Ed.), *Foundations of Interpersonal Attraction* (pp. 355-381). New York: Academic Press.
- Braendle, C., Heyland, F., & Flatt, T. (2011). Integrating mechanistic and evolutionary analysis of life history variation. In T. Flatt & F. Heyland (Eds.), *Mechanisms of life history evolution. The genetics and physiology of life history traits and trade-offs* (pp. 3-10). New York, NY: Oxford University Press.
- Buss, A. H. (1973). *Psychology-Man in perspective*. New York: Wiley.
- Buss, D. M. (1994). *The evolution of desire: Strategies of human mating*. New York: Basic Books.
- Buss, D. M. (2006). The evolution of love. In R. Sternberg. & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 65-86). New Haven: Yale University Press.
- Buss, D. M. (2010). Developmental and Life History Perspectives on Personality. In: D. M. Buss, & P. H., Hawley (Eds.), *The evolution of personality and individual differences* (pp. 59-85). Oxford, England: Oxford University Press.
- Buss, D. M. (Ed.). (2016). *The handbook of evolutionary psychology*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating. *Psychological review*, 100(2), 204-232. doi: 10.1037/0033-295x.100.2.204

- Cabeza de Baca, T., Figueredo, A. J., & Ellis, B. J. (2012). An evolutionary analysis of variation in parental effort: Determinants and assessment. *Parenting, 12*(2-3), 94-104. doi: 10.1080/15295192.2012.680396
- Charnov, E. L. (1993). *Life history invariants*. Oxford, England: Oxford University Press.
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2013). Attachment and caregiving in adult close relationships: Normative processes and individual differences. *Attachment & Human Development, 15*(3), 241-245. doi: 10.1080/14616734.2013.782652
- Copping, L. T., Campbell, A., & Muncer, S. (2013). Violence, teenage pregnancy, and life history. *Human Nature, 24*(2), 137-157. doi: 10.1007/s12110-013-9163-2
- Cox, E. (2001). Relationships. In E. Cox, *Psychology for A-level* (pp. 209-240). Oxford, England: Oxford University Press.
- Del Giudice, M., Gangestad, S. W., & Kaplan, H. S. (2015). Life history theory and evolutionary psychology. In D. M. Buss (Ed.), *The handbook of evolutionary psychology* (pp. 88-114). Hoboken, NJ: Wiley.
- Dennis, J. P., & Vander Wal, J. S. (2010). The cognitive flexibility inventory: Instrument development and estimates of reliability and validity. *Cognitive therapy and research, 34*(3), 241-253. doi: 10.1007/s10608-009-9276-4
- Dunkel, C. S., & Decker, M. (2010). Convergent validity of measures of life-history strategy. *Personality and Individual Differences, 48*(5), 681-684. doi: 10.1016/j.paid.2009.12.014
- Dunkel, C., Mathes, E., & Decker, M. (2010). Behavioral flexibility in life history strategies: The role of life expectancy. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology, 4*(2), 51-61. doi: 10.1037/h0099301
- Ellis, B. J., Figueredo, A. J., Brumbach, B. H., & Schlomer, G. L. (2009). Fundamental dimensions of environmental risk: The impact of harsh versus unpredictable environments on the evolution and development of life history strategies. *Human Nature, 20*(2), 204-268. doi: 10.1007/s12110-009-9063-7

- Fehr, B. (2006). A prototype approach to studying love. In R. J. Stenberg & K. Stenberg (Eds.), *The new psychology of love*, (pp. 225-246). New York: Cambridge University Press.
- Figueredo, A. J., Patch, E. A., & Ceballos, C. E. G. (2015). A life history approach to the dynamics of social selection. In V. Zeigler-Hill et al. (Eds.), *Evolutionary perspectives on social psychology* (pp. 363-372). Switzerland: Springer International.
- Figueredo, A. J., Vásquez, G., Brumbach, B. H., Schneider, S. M., Sefcek, J. A., Tal, I. R., & Jacobs, W. J. (2006). Consilience and life history theory: from genes to brain to reproductive strategy. *Developmental Review*, 26(2), 243-275. doi: 10.1016/j.dr.2006.02.002
- Figueredo, A. J., Vásquez, G., Brumbach, B. H., Sefcek, J. A., Kirsner, B. R., & Jacobs, W. J. (2005). The K-factor: Individual differences in life history strategy. *Personality and individual differences*, 39(8), 1349-1360. doi: 10.1016/j.paid.2005.06.009
- Fletcher, G. J., Simpson, J. A., Campbell, L., & Overall, N. C. (2015). Pair-bonding, romantic love, and evolution: The curious case of Homo sapiens. *Perspectives on Psychological Science*, 10(1), 20-36. doi: 10.1177/1745691614561683
- Fromm, E. (1956). *The art of loving*. New York: Harper & Row.
- Gangestad, S. W., & Buss, D. M. (1993). Pathogen prevalence and human mate preferences. *Ethology and Sociobiology*, 14(2), 89-96. doi: 10.1016/0162-3095(93)90009-7
- Gauthier, L., Senécal, C., & Guay, F. (2007). Construction et validation de l'Échelle de motivation à avoir un enfant (EMAE). *Revue Européenne de Psychologie Appliquée*, 57(2), 77-89. doi: 10.1016/j.erap.2006.09.001
- Giosan, C. (2006). High-K strategy scale: A measure of the high-K independent criterion of fitness. *Evolutionary Psychology*, 4(1), 394-405. doi: 10.1177/147470490600400131
- Gonzaga, G. C., & Haselton, M. G. (2008). The evolution of love and long-term bonds. In J. P. Forgas & J. Fitness (Eds.), *Social relationships: Cognitive, affective, and motivational processes* (pp. 39-53). New York: Psychology Press.

- Graham, J. M. (2011). Measuring love in romantic relationships: A meta-analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(6), 748-771. doi: 10.1177/0265407510389126
- Graham, J. M., & Christiansen, K. (2009). The reliability of romantic love: A reliability generalization meta-analysis. *Personal Relationships*, 16(1), 49-66. doi: 10.1111/j.1475-6811.2009.01209.x
- Hatfield, E. (1988). Passionate and companionate love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The Psychology of Love* (pp. 191-217). New Haven, Conn.: Yale University Press.
- Hatfield, E., & Rapson, R. L. (1993). *Love, sex, and intimacy: Their psychology, biology, and history*. New York: Harper Collins College Publishers.
- Hatfield, E. & Rapson, R. L. (2005). *Love and sex: Cross-cultural perspectives*. Lanham, MD: University Press of America
- Hatfield, E., & Walster, G. W. (1978). *A New Look at Love*. Reading, Mass.: Addison-Wesley.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524. doi: 10.1037/0022-3514.52.3.511
- Hendrick, C., & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of personality and social psychology*, 50(2), 392-402. doi: 10.1037/0022-3514.50.2.392
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (2006). Styles of romantic love. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 149-170). New Haven, CT: Yale University Press.
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (2019). Measuring Love. In J. L., Shane, & C. R., Snyder, *Positive psychological assessment: A handbook of models and measures* (pp. 219-232). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Jackson, J. J., & Kirkpatrick, L. A. (2007). The structure and measurement of human mating strategies: Toward a multidimensional model of sociosexuality. *Evolution and Human Behavior*, 28(6), 382-391. doi: 10.1016/j.evolhumbehav.2007.04.005
- Karandashev, V. (2017). The Concept of Romantic Love. In V. Karandashev, *Romantic love in cultural contexts* (pp. 3-34). New York, NY: Springer.

- Karandashev, V. (2019). Conceptions of Love Across Cultures. In V. Karandashev, *Cross-Cultural Perspectives on the Experience and Expression of Love* (pp. 31-55). New York, NY: Springer.
- Karandashev, V., & Evans, N. D. (2019). Quadrangular Love Theory and Scale: Validation and Psychometric Investigation. *Journal of Methods and Measurement in the Social Sciences*, 10(1), 1-35. doi: 10.2458/v10i1.23520
- Kenrick, D. T. (2006). A dynamical evolutionary view of love. In R.J Sternberg & K. Weis (Eds.), *Psychology of love* (2a ed., pp. 15-34). New Haven, CT: Yale University Press.
- Lee, J. A. (1973). *Colours of love*. Toronto, Canada: New Press.
- Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3(2), 173-181. doi: 10.1177/014616727700300204
- Lomas, T. (2018). The flavours of love: A cross-cultural lexical analysis. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 48(1), 134-152. doi: 10.1111/jtsb.12158
- Martins-Silva, P. D. O., Trindade, Z. A., & Silva Junior, A. (2013). Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. *Psicologia: ciência e profissão*, 33(1), 16-31. doi: 10.1590/S1414-98932013000100003
- Matsumoto, D. E. (2009). *The Cambridge dictionary of psychology*. New York: Cambridge University Press.
- Neto, F. (2007). Love styles: A cross-cultural study of British, Indian, and Portuguese college students. *Journal of Comparative Family Studies*, 38(2), 239-254. doi: 10.3138/jcfs.38.2.239
- Newcomb, T. M. (1960). Some varieties of interpersonal attraction. In J. G. Peatman & E. L. Hartley (Eds.), *Festschrift for Gardner Murphy* (pp. 171-182). Oxford, England: Harper.
- Perrett, D. I., May, K. A., & Yoshikawa, S. (1994). Facial shape and judgments of female attractiveness: Preferences for non-average characteristics. *Nature*, 386(6468), 239-242. doi: 10.1038/368239a0
- Pianka, E. R. (1970). On r-and K-selection. *The American Naturalist*, 104(9), 592-597. <https://www.jstor.org/stable/2459020>
- Reis, H. T., & Rusbult, C. E. (2004). *Close relationships: Key readings*. New York: Psychology Press.

- Ricklefs, R. E., & M. Wikelski. (2002). The physiology/life-history nexus. *Trends in Ecology & Evolution*, 17(10), 462-468. doi: 10.1016/S0169-5347(02)02578-8
- Roff, D. A. (1992). *The Evolution of Life Histories. Theory and Analysis*. New York: Chapman and Hall.
- Ross, L., Lepper, M., & Ward, A. (2010). History of social psychology: Insights, challenges, and contributions to theory and application. In S. T. Fiske, D.T. Gilbert & Lindzey, G. (Eds.), *Handbook of social psychology* (Vol. 2, pp. 3–50). Hoboken, NJ: Wiley.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of personality and social psychology*, 16(2), 265-273. doi: 10.1037/h0029841
- Rubin, Z. (1973). *Liking and Loving*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Rubin, Z. (1984). Toward a science of relationships. *Contemporary Psychology*, 29(11), 856-858. doi: 10.1037/022375
- Sng, O., Neuberg, S. L., Varnum, M. E. W., & Kenrick, D. T. (2017). The crowded life is a slow life: Population density and life history strategy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 112(5), 736-754. doi: 10.1037/pspi0000086
- Sprecher, S., & Regan, P. C. (1998). Passionate and companionate love in courting and young married couples. *Sociological Inquiry*, 68(2), 163-185. doi: 10.1111/j.1475-682X.1998.tb00459.x
- Stearns S. C. (1992). *The evolution of life histories*. New York: Oxford University Press.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119-135. doi: 10.1037/0033-295X.93.2.119
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating love. In R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds), *The psychology of love* (pp. 119-138). New Haven, CT: Yale University Press.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27(3), 313-335. doi: 10.1002 10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:33.0.CO;2-4
- Sternberg, R. J., & Grajek, S. (1984). The nature of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47(2), 312-329. doi: 10.1037/0022-3514.47.2.312

- Sternberg, R. J., & Weis, K. (Eds.). (2006). *The new psychology of love*. New Have: Yale University Press.
- Stolarski, M., Fioulaine, N., & van Beek, W. (2015). *Time perspective theory; Review, research, and application*. Cham, Switzerland: Springer International Publishing.
- Sumter, S. R., Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2013). Perceptions of love across the lifespan: Differences in intimacy, passion, and commitment. *International Journal of Behavioral Development*, 37(5), 417-427. doi: 10.1177/0165025413492486
- Tooby, J., & Cosmides, L. (2015). The theoretical foundations of evolutionary psychology. In: D. M. Buss (Ed.), *The handbook of evolutionary psychology: I. Foundations* (pp. 3-87). Hoboken, NJ: Wiley.
- Williams, L., Fisher, M., & Cox, A. (2008). The impact of sexual history and desired relationship duration on evaluations of attractiveness and recall. *Journal of Evolutionary Psychology*, 6(1), 1-23. doi: 10.1556/JEP.2008.1005
- Zeigler-Hill, V., Welling, L. L., & Shackelford, T. K. (Eds.). (2015). *Evolutionary perspectives on social psychology*. New York: Springer.
- Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (1999). Putting time in perspective: A valid, reliable individual-differences metric. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(6), 1271-1288. doi: 10.1037/0022-3514.77.6.1271